

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Toque feminino

Complemento obrigatório ao desempenho instrumental dos conjuntos melódicos nos bailes, as vozes - em coro ou na figura do cantor - ganharam no Flamboyant um toque feminino logo após a gravação do elepê. Hermes Correa passou a ter como parceira de microfones a paulistana Marcia Elisa, contratada como *lady-crooner* do grupo aos 17 anos, em 1961. Hoje com 82 e aposentada de uma carreira que a consagrou nacionalmente no primeiro time de intérpretes da MPB (assinando apenas como "Marcia"), ela suspira ao revisitar mentalmente os dois anos e meio de vivência na cena cultural gaúcha como algo marcante em sua formação pessoal e artística.

"Eu já me apresentava profissionalmente como cantora na Rádio Tupi de São Paulo desde os 16. Acontece que meu pai tinha oficina mecânica e cismou de transferir o negócio para Porto Alegre, decidido a ser também piloto em corridas de rua. Para mim, filha única, e minha mãe, dona-de-casa, não houve escolha senão acompanhá-lo. Levei carta de apresentação pelo diretor artístico da emissora, Cassiano Gabus Mendes, e entrei no cast da Farroupilha, onde surgiu o convite dos rapazes. Foi um período fantástico, de excursões por todo o Estado e muito aprendizado sobre música e posicionamento no palco. Isso tudo até meados de 1963, quando minha família fez novamente as malas. Até hoje sei assar muito bem um churrasco."



Marcia Elisa, uma das vozes femininas no microfone do Flamboyant



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

CONFEITARIA CACIQUE
MÚSICA SELECIONADA NO MELHOR AMBIENTE DA CIDADE!
APRESENTA DIARIAMENTE DAS 16,30 às 22,30 h.
TRIO DO
CONJUNTO FLAMBOYANT

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

De Porto Alegre para o mundo

O auge da popularidade do Flamboyant ocorreu em 1962, ao ser escolhido com milhares de votos o melhor grupo musical de rádio do Rio Grande do Sul, em eleição promovida pelo jornal Última Hora. Já no Festival de Conjuntos organizado pelo jornalista Walter Galvani para a Folha da Tarde, pela segunda vez seguida o vice-campeonato, em disputas apertadíssimas contra o Melódico de Norberto Baldauf - um júri formado por especialistas avaliava critérios como repertório, arranjos e recursos visuais, em apresentações de 15 minutos no ginásio do Grêmio Náutico União ou no Cine-theatro Moinhos de Vento (futuro Cine Coral), por exemplo. Lotados e sempre com filas dobrando a esquina.

A ampla repercussão desses eventos garantia a intensa demanda no circuito de reuniões dançantes por todo o Estado, além de giros em Santa Catarina. Divulgado nos cartazes como 'Flamboyant Show' e já incorporando iluminação especial às apresentações, a moçada migrou para a Rádio e TV Gaúcha (futura RBS) em janeiro de 1964, quando a emissora do comunicador Maurício Sirotsky

Sobrinho completava um ano de atividades. A saída da *lady-crooner* Marcia Elisa dera lugar a eventuais participações de outra jovem em carreira ascendente: Elis Regina, que em março também tomaria o rumo de São Paulo e Rio de Janeiro para se tornar, alguns anos depois, a maior cantora da música popular brasileira.

Aliás, a rotatividade nos microfones e instrumentos marcaria a sobrevida do conjunto, progressivamente descaracterizado em relação à fase áurea. Por períodos relativamente curtos, sua formação abraçou talentos como as cantoras Dalila e Erica Norimar, o acordeonista Breno Sauer, o pianista Aristides Villas-Boas, o baterista Carlos Calcanhotto (pai da estrela Adriana Calcanhotto) e o guitarrista Ary Piassarolo, até o Flamboyant "dar o prefixo e sair do ar" (expressão adotada pelo público durante muito tempo) no início dos anos 1970, embora já estivesse afastado do rádio e TV desde a segunda metade da década anterior. O legado inclui trajetórias de sucesso dentro e fora do Rio Grande do Sul.

Alguns permaneceram na cidade. Foi o caso de Vladimir Lattuada (saxofone, clarinete), di-



Apresentações em canais televisivos como a TV Piratini projetaram a fama do Conjunto Flamboyant por todo o Estado

vidido entre a música e atividades como executivo de rádio. Ou de Sadi Silva (contrabaixo) e Adão Pinheiro (piano), todos em plena atividade até subirem para o mezanino da vida, nos primeiros anos deste século. Menor sorte tiveram Ciganinho (guitarra) e Ney Junqueira (ritmo), ambos falecidos em 1973. O primeiro por motivos de saúde, o segundo em um acidente de trânsito. Outros "subiram" para o Centro do País, como as já citadas Marcia e Elis - suas sucessoras Erica Norimar e Dalila e se estabeleceram, respectivamente,

na Europa e Estados Unidos - mesmo destino de Breno Sauer e Ary Piassarolo, ambos de produção cultuada no jazz internacional.

Em São Paulo se fixaram Norberto Rockstroh (acordeon e piano), como músico da noite, e Mutinho (bateria), este um capítulo à parte: rapidamente enturmado ao primeiro time da MPB, fez parte das bandas de apoio de Vinícius de Moraes e Toquinho, colaboração estendida a parcerias como compositor (incluindo nove das 11 faixas do especial da Rede Globo *Casa de Brinquedos*, de 1983, com

destaque para *O Caderno*, na voz de Chico Buarque e um clássico do moderno canção infantil). Arriscou-se, ainda, como intérprete em um compacto e dois CDs, o mais recente em 2023, tudo à disposição nas plataformas YouTube e Spotify. Aos 85 anos, suas baquetas estão hoje a serviço do Quilombola Trio, quatro noites por semana no bar do chiquêrrimo Hotel Fasano. Nada mal para quem despontou no que seu contemporâneo Geraldo Flach (1945-2011) um dia definiu como "o mais louco dos conjuntos melódicos".